



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input checked="" type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Um sentido de lugar para a nova urbanidade

A sense of place for the new urbanity

Un sentido de lugar para la nueva urbanidad

FORGIARINI, Leandro (1);

(1) Doutorando, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, PROPAR, Porto Alegre, RS, Brasil; e-mail: leandro_forgiarini@yahoo.com.br



Um sentido de lugar para a nova urbanidade

A sense of place for the new urbanity

Un sentido de lugar para la nueva urbanidad

RESUMO

Pensar o lugar da nova urbanidade implica no esforço de se repensar a ideia de lugar a partir de suas dimensões simbólicas e práticas. No presente artigo, evidencia-se uma abordagem que visa alcançar um sentido de lugar que dê conta tanto de uma dimensão mais íntima, relacionada aos sentimentos individuais, quanto do espaço físico materializado e compartilhado socialmente. Geradores da experiência de urbanidade, esses lugares ancoram relações humanas baseadas na sociabilidade, no benefício das trocas interpessoais, no encontro do “eu” com o “outro”. A partir da possibilidade de acontecimento dos lugares, pretende-se entender o significado da urbanidade e do seu proveito para a relação estabelecida entre pessoas e cidades.

PALAVRAS-CHAVE: lugar, urbanidade, cidade, sociabilidade

ABSTRACT

Thinking the place of new urbanity implies the effort of re-thinking the idea of place regarding its symbolic and practical dimensions. This article presents an approach that aims to reach a sense of place that deals with an intimate dimension, related to individual feelings, as well as with the materialised physical space shared socially. As generators of the experience of urbanity, these places support human relations based on sociability, on the benefit of interpersonal exchange, on the encounter between "me" and "the other". Considering the possibility of happenings in these places, this study aims to understand the meaning of urbanity and its usefulness for the relationship established between people and cities

KEY-WORDS: place, urbanity, city, sociability

RESUMEN:

Pensar en el lugar de la nueva urbanidad implica el esfuerzo de repensar la idea de lugar a partir de sus dimensiones simbólicas y prácticas. En este artículo, destaca-se un enfoque que tiene como objetivo lograr un sentido de lugar que lleve en cuenta tanto su dimensión más íntima, la que está relacionada a los sentimientos individuales, cuanto de una idea de espacio físico materializado y compartido socialmente. Generadores de la experiencia de la urbanidad, esos lugares ancoran las relaciones humanas que se basan en la sociabilidad, en la ventaja de los intercambios interpersonales, en el encuentro de “uno” con el “otro”. Desde la posibilidad de un acontecimiento de los lugares, se pretende comprender el significado de la urbanidad y sus provechos para la relación establecida entre personas y ciudades.

PALABRAS-CLAVE lugar, urbanidad, ciudad, sociabilidad



1. INTRODUÇÃO

O que se pode esperar de um lugar urbano, ou melhor, de um lugar provido pela urbanidade? Tal questionamento exige que se repense o sentido de lugar, para só então abordá-lo a partir da esfera urbana. Faz-se imprescindível entender que o lugar é uma categoria de análise que vai além da escala locacional, serve tanto para qualificar experiências individuais afetivas entre sujeito/espço, quanto para abranger as espacialidades praticadas socialmente. O próprio distintivo “urbano” e o qualificador “urbanidade” são características apreoadas aos lugares da cidade apropriados pelas pessoas.

A cidade, este constructo humano de origem milenar, vem sendo o lócus aonde a vida humana tem se permitido montar residência e subsistir. Aliás, a observação sobre a *pólis* feita pelo filósofo Massimo Cacciari (2009, p.9), professor de estética da Universidade de Veneza, é bastante elucidativa, pois se refere ao conceito como sendo a expressão utilizada pelos gregos para designar “a sede, a residência, o lugar em que um determinado *génos*, uma determinada estirpe, uma gente – *gens/génos* – tem as suas raízes”.

De fato, da *pólis* grega à metrópole contemporânea, a experiência de lugar na cidade tem sido elevada a uma dimensão prática de criação, transformação e ressignificação do espaço humano, um lugar de gente, de pessoas. Ora, se isso acontece e tem acontecido através dos séculos é porque a cidade resiste como o mais extraordinário produto concebido pelo homem para o estabelecimento e a organização em sociedade.

Tem-se na imagem da cidade o monumento que enaltece a capacidade da espécie humana de instituir a ordem e são os lugares que marcam o tom de suas escalas. Mas se por um lado o lugar se constitui como o indício geográfico, físico, cristalizado na cidade enquanto área passível de delimitação, ou como materialidade gerada a partir da arquitetura que confere ao espaço certa forma e função, por outro lado, o lugar urbano também é a clara evidência da digital humana sobre a cidade. Trata-se do mais eloquente registro das práticas sociais, de um marco que sinaliza a aderência do indivíduo a um ideal de sociabilidade.

Consequentemente, repensar a urbanidade por intermédio do sentido de lugar, este como sendo o resultado das experiências fundadas a partir do que a cidade tem a oferecer a seus habitantes, surge como alternativa profícua para se lançar luz sobre as questões que dizem a respeito às práticas de sociabilidade, ao senso de convivência, às trocas solidárias e à descoberta do outro.

2. O ACONTECER DO LUGAR

Reverendo a história do conceito de lugar a partir da *pólis* grega e da *civitas* romana, Cacciari (2009) faz a constatação de que o corpo ainda clama pelo lugar, por mais que o território seja a dimensão suprema na cidade contemporânea. Ressoa na abordagem do autor o fato de que o lugar é intrínseco à natureza da cidade, ou numa perspectiva ainda mais associativa, caberia afirmar que o surgimento da cidade está diretamente relacionado a um sentido de lugar. Isto porque o acontecer do lugar como espaço de apropriação da vida fez com que a cidade tenha se tornado o lócus definitivo da espécie humana enquanto ser social.

A necessidade de criação de lugares que sirvam como abrigo talvez seja o indício primário de que o homem é um ser obcecado pela busca do espaço interior, pela condição uterina da

caverna, por sua morada original. É bem verdade que o empenho humano em dar forma e estrutura aos ambientes não se distancia do de outras espécies de animais que também constroem suas residências como abrigo. Mas o aspecto crucial a diferenciar a humanidade das demais espécies é a consciência que o indivíduo tem de lar e as atribuições simbólicas dadas ao ambiente construído.

Com efeito, o entendimento do que possa representar para o homem a intrincada composição dos lugares só adquire substância após o indivíduo esquadrihar as estruturas edificadas em seu próprio ser. À medida que a humanidade modifica o espaço, reformula também sua relação com o mundo. O homem é habitado enquanto habita, mais além da necessidade física de construir para morar, há um desejo poético e onírico de habitar para ser.

Em “Construir, Habitar, Pensar”, Heidegger (2002) entende que o construir tem o habitar como meta, o que significa dizer que ambos estão enraizados no pensamento. O pensar é o elemento de ligação entre habitar e construir, mas, acima de tudo, é a prática que se coloca como necessária e urgente para refletir-se a respeito do que é essencial em habitar e construir. Para o campo crítico-reflexivo da arquitetura, a relevância do ensaio de Heidegger está no entendimento de que a crise do habitar é essencialmente a crise do ser e isso repercute na leitura que se faz dos lugares como sendo a maneira encontrada pela humanidade para habitar o mundo.

No que concerne à vida humana, o sentido de lugar passa, antes de tudo, pela busca de lugares ideais, pelos sonhos e devaneios que matizam a experiência da habitação, mas que é sempre um vislumbre da possibilidade de fazer acontecer o lugar idealizado. Ao que pese sobre essa busca a seguinte reflexão de Bachelard:

quantos problemas conexos se quisermos determinar a realidade profunda de cada uma das nuances do nosso apego a um lugar predileto. [...] é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’. [...] Todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos têm valores oníricos consonantes. [...] Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos (BACHELARD, 2008, p.24-25).

Os rincões desbravados sinalizam a obstinação humana pelo domínio espacial. Todo o esforço aplicado às tentativas de transformar o mundo em lar diz respeito ao inerente anseio do homem por sentir-se em casa, por encontrar o seu lugar no mundo, um lugar ideal. De certo, a espécie humana sempre precisou de lugares para sobreviver. Indivíduo e sociedades aprenderam a se organizar no espaço criando lugares seguros e funcionais: o canto mais protegido da caverna, a formação de uma aldeia, a disposição dos cômodos de uma casa, a aglomeração dos prédios de uma grande cidade. Todos esses lugares que constituem concretamente o espaço se realizam também no íntimo de quem os experimenta.

“Toda descoberta é uma conquista cognitiva que implica invenção e criação”, afirmará Morin (2005, p.12). Mudar o cenário requer instrução e emoção, talvez seja essa a quintessência do fazer arquitetônico. Na busca pelo lugar ideal, do sonho ao projeto, da idealização à execução, o ser é a medida exata da experiência totalizante. Não existe um lugar que nasça fora do plano das ideias, mas tampouco um que não seja praticado. No sentido de lugar se reafirma a necessidade do pensar e do viver como dimensões limítrofes em seu acontecer.

Ao mencionar uma passagem pelo Egito, Jorge Luis Borges (2010, p.117) escreveu: “A uns trezentos ou quatrocentos metros da Pirâmide me inclinei, peguei um punhado de areia, deixei-o cair silenciosamente um pouco mais a diante e disse em voz baixa: estou modificando o Saara”. Na qualidade conferida por sua insígnia de poeta, aos pés de um dos marcos da



arquitetura universal, tendo a imensidão do deserto como cúmplice da singeleza de seu ato, Borges integrou-se a mais de dez mil anos de história. Mora, pois, na intenção do poeta, um desejo de recriação do espaço, um ato de reforma da paisagem como meio de experimentação do lugar. De certo, recriar é parte do processo de criação, “é a atividade necessária para sentir a coisa vista” (RASMUSSEN, 1998, p.36), trata-se da experiência que integra o sujeito àquilo que lhe desperta a atenção e os sentidos.

Fazer o lugar acontecer é uma prática que exige envolvimento total. Tuan considera que

sentir um lugar leva tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia impar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos (TUAN, 1983, p.203).

São muitos os lugares da vida humana, tantos quanto os sonhos das pessoas. Alegoricamente ou não, o lugar é sempre uma criação do homem, comporta o material concreto, mas inexistente fora do universo intangível das emoções. O acontecer do lugar roga pela multiplicidade das experiências humanas e estas são determinantes para que o sujeito conheça e se relacione com o mundo. Para tornar realidade o sonho do lugar ideal é necessário que se comece a realizá-lo no dia-a-dia, em meio às experiências do cotidiano, o lugar idealizado pode vir a se transformar num lugar possível.

3. LUGARES URBANOS, LUGARES POSSÍVEIS

Na cidade da vida diária se reconhece as penas e agruras de uma relação talhada no cerne da intimidade. A cidade está sobremaneira ligada ao homem, sendo que cabe à arquitetura e ao urbanismo a função de dar forma aos lugares urbanos. Mas as cidades não são apenas uma soma de projetos e edificações, não se resumem a experiências puramente territoriais, materiais e/ou físicas, elas são vividas e imaginadas, estão na mente e no coração das pessoas.

Quando reconhecida como lugar afetivo, a cidade se torna um centro de significados, um ponto de referência, um refúgio, um abrigo. Na dialética dinâmica que transforma o espaço urbano em lugar, este se converte em mundo e o mundo em lar.

Dentre suas inúmeras configurações, o lugar urbano é sempre a possibilidade inequívoca do encontro, do contato e das trocas sociais. No cotidiano das ruas, na cultura dos becos, nas conversas dos bares, nas escolas dos bairros, no pensamento das universidades, aonde quer que se dê o encontro de pessoas haverá a mediação de uma espacialidade que se materializa através da arquitetura e que acontece como lugar. Esse jogo de ações promovido pelo pensamento técnico e pela experiência vivida é o que dá sentido ao lugar como a forma mais enriquecedora de apropriação do espaço citadino pelas pessoas. É para elas que a cidade existe e é a partir delas que a urbanidade ganha status de lugar.

É cada vez mais evidente a associação da busca pelo lugar ideal nas cidades à presença do outro. A felicidade, esta famigerada sentença capaz de transformar a vida dos indivíduos e recuperar o sentido da existência humana, só pode ser resultado de vivências conjuntas, de ações fundadas em prol do bem estar comum e de relações estabelecidas entre pessoas. Com efeito, Castello escreve que

a tal de felicidade deverá vir necessariamente associada à presença dos outros nas cidades. Isto é, será decorrente das interações sociais, mais do que de qualquer outra causa. Interações que, na maioria absoluta das vezes, se passa em ambientes desenhados para a geração de lugares de urbanidade (...) a cidade deverá



resistir e perseverar porque, no mínimo, os outros sempre trarão encanto para a cidade. Porque na raiz – na essência – a cidade são os outros, a cidade é heterotopia. E enquanto o ser humano continuar social, o lócus das relações interpessoais – a cidade – irá subsistir (CASTELLO, 2013)

A realização dos lugares urbanos depende das aproximações entre o “eu e o outro”. A partir destas trocas baseadas na sociabilidade é que reside a “possibilidade da vida” nas cidades (HISSA, 2006). Num sentido ainda mais abrangente, cabe trazer a lume a ideia de “convivialidade” (CASTELLO, 2013) para tratar de uma relação que vai muito além da institucionalização do politicamente correto que se instaura entre sujeitos sociais. As pessoas que vivem a/cidade demandam um modo de relação interpessoal mais espontâneo e que só é fundado por meio do convívio, um reflexo sensível à vida cotidiana. Esta naturalidade praticada no dia-a-dia situa-se em lugares geradores de uma energia vital para as cidades, os lugares de urbanidade.

Propõe-se pensar na ideia de urbanidade como “uma qualidade típica e única do ambiente construído pelo ser humano” e que está “vinculada à dinâmica das experiências existenciais conferidas às pessoas pelo uso que fazem do ambiente urbano público, através da capacidade de intercâmbio e de comunicação de que está imbuído esse ambiente” (CASTELLO, 2007, p.29). A convivência praticada como exercício do cotidiano na cidade é a artéria que conduz a seiva da urbanidade e que faz pulsar a vitalidade dos lugares.

Não se pode falar de diversidade urbana sem que os fatores ligados ao convívio social estejam presentes. Ruas, calçadas e esquinas só existem enquanto apropriação do espaço pelas pessoas e é esse o dispositivo que confere matizes distintos ao caráter diverso da urbanidade. Não obstante, há que se ressaltar a indispensável presença de um aparato técnico capaz de dar suporte e corpo – forma – a toda essa diversidade. Cabe à arquitetura, bem como às demais formas de intervenção urbana, a possibilidade material dos lugares.

De modo que a cidade precisa estar preparada não apenas para suportar as espacialidades que articulam a trama da estrutura social, mas acima de tudo para suprir a necessidade de convívio das pessoas. Preparada no que diz respeito à disposição de arranjos que suportem os ímpetus de urbanidade propagados por seus habitantes. Eis o instante em que a relação pessoa/cidade atinge o nível da experiência integradora, o momento em que o indivíduo encontra no urbano um sentido de lugar, de grande casa comunitária, de lar compartilhado por todos.

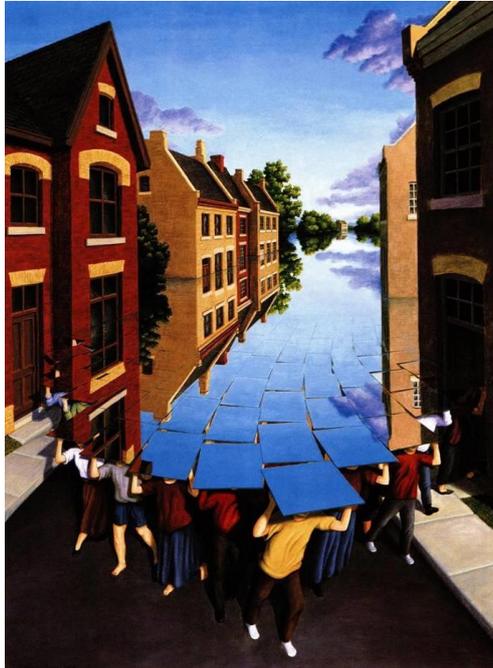
4. POR UMA URBANIDADE VIVA

Nesse principiante século XXI, em que pesquisas apontam números astronômicos envolvendo a esfera urbana, as ordens de valor surgem acompanhadas de interesses alheios ao verdadeiro bem estar das pessoas. Convencionou-se olhar para a cidade a partir de imagens captadas por satélites que traçam o panorama de seu gigantismo e monumentalidade, mas as pessoas, estas se não estiverem andando em bandos, reunidas em meio a multidões ou presas em congestionamentos de trânsito, acabam passando despercebidas. Contudo, esse ser social quase sempre invisível às lentes do engenho tecnológico à deriva no espaço é que imprime nos lugares um senso de urbanidade.

As ruas e calçadas são o manifesto preciso da vitalidade urbana. São os lugares que, no dizer de Lynch (2011), retiram o sujeito da posição de mero espectador do espetáculo lançando-o num palco compartilhado com muitos outros participantes. A rua depende dessa ação conjunta para se realizar enquanto lugar, da correnteza humana capaz de dinamizar o espaço urbano e

agregar conteúdo vital à cidade, tal como se observa na alegórica cena criada pelo artista plástico canadense Rob Gonsalves, “Aí vem a inundação” (figura 1).

Figura 1: “Aí vem a inundação” (“Here Comes the Flood”)
Tinta acrílica sobre tela, 46 X 61 cm. Autor: Rob Gonsalves



Fonte: Seckel, 2004.

De Jane Jacobs a Jan Gehl, o discurso imperativo de quem se preocupa com um planejamento urbano voltado ao bem estar das pessoas aponta que a calçada é a coroação da experiência tida como lugar de urbanidade. Para a autora defensora da riqueza do cotidiano, o contato interpessoal gerado pelo uso das calçadas é o que dá serventia à cidade (JACOBS, 2009). Por sua vez, Gehl (2013) entende que um espaço urbano vivo é aquele que convida a pessoa a caminhar, pois é este o ponto de partida da experiência que envolve a “vida entre edifícios”.

Ora, se a rua adquire tamanha importância na cartilha do planejamento é porque em essência trata-se do principal componente de uma cidade, aquele que faz surgir o lugar que marca a presença das pegadas humanas. O manifesto por uma urbanidade viva passará, assim, por um olhar mais atento e preocupado acerca das expectativas que o ser humano tem a respeito da possibilidade de se beneficiar com as cidades.

Embora os problemas das cidades não sejam todos iguais nas várias partes do mundo e em diferentes níveis de desenvolvimento econômico, são mínimas as diferenças envolvidas na inclusão da dimensão humana no planejamento urbano. O mesmo padrão aparece em todo lugar, mas, sobretudo no último meio século, a dimensão humana foi seriamente negligenciada em sua relação com o desenvolvimento urbano. [...] Os pontos centrais são respeito pelas pessoas, dignidade, entusiasmo pela vida e pela cidade como lugar de encontro. Nesses quesitos, não existem grandes diferenças entre os sonhos e desejos das pessoas nas várias partes do mundo. Os métodos para se tratar essas questões também são surpreendentemente similares, porque tudo se resume às pessoas, que têm os mesmos pontos básicos de partida (GEHL, 2013, p.229).

O que Jan Gehl salienta em suas considerações sobre as “cidades para pessoas” é que a as necessidades dos habitantes de cidades espalhadas pelo globo terrestre não se diferenciam enquanto expectativas de um lugar ideal. No século das cidades, em que a população urbana mundial cresce vertiginosamente, o anseio por lugares que propiciem abrigo, que sejam



acolhedores e que possibilitem práticas de sociabilização parece figurar como um pensamento comum àqueles que buscam nas cidades seus lugares sonhados.

Cada vez mais, as pessoas dependem da condição de lugar para suportar o cotidiano que se manifesta, sobretudo, nas grandes cidades. Sendo assim, repensar o sentido de lugar para uma nova urbanidade implica dizer que a dimensão humana deve ser trazida à tona e colocada em posição de absoluto destaque no planejamento urbano. Este deve ser pensado exclusivamente para as pessoas e levando-se em conta tudo o que de alguma forma possa torná-lo um lugar melhor não apenas no plano das ideias, mas realizável no tocante à vida diária. Tornar real o sonho do lugar ideal é fazer da cidade um produto que convide as pessoas a se apropriarem de seus espaços. Esse abraço coletivo na cidade é o que traz aos lugares, aos parques, praças, monumentos, ruas e calçadas, um caráter qualificador de urbanidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se mostra evidente ao final deste artigo é que até aqui se esteve falando sobre um sentido de lugar que está fortemente vinculado às expectativas humanas, àquilo que as pessoas esperam dos lugares, os sonhados e idealizados. Tornar o sonho do lugar ideal uma realidade é o desafio de todos aqueles que se debruçam sobre a matéria da cidade. Se o lugar adquire tal peso de idealização é porque corresponde a uma prática realizável no cotidiano íntimo de cada indivíduo: do quarto de dormir à sala de estar, da rua frente à porta de casa ao bairro em que vive. Qualquer um sabe reconhecer um bom lugar, ou ao menos é capaz de distingui-lo de um ameaçador. Um bom lugar para morar é um sonho compartilhado por muitos, um projeto de vida universal que condiz com a possibilidade de conviver em sociedade.

Assimilar os aprendizados e descobertas que nascem a partir do encontro com o outro é uma dívida da urbanidade. Dar-se conta de que a celebração maior da vida nas cidades é a chance de fazer dos lugares idealizados acontecimentos possíveis faz parte dessas descobertas. Cada lugar traz em sua composição o engajamento e a congruência das ações humanas, são como sonhos praticados e compartilhados. Todas essas inter-relações fazem da urbanidade a característica primordial do espaço apropriado pelo ser humano nas cidades. Apropriação esta que enseja desejos generalizados de se viver em bons lugares, mais próximos das necessidades reais para uma vida feliz.

Eis que os esforços aplicados à busca por lugares melhores se refletem no pensar e no fazer das cidades. Há que se ter discurso e método para transformar o ambiente urbano num lugar aprazível e as pessoas esperam por isso. Decerto, não existe outra forma de viver o urbano a não ser a partir da convivência interpessoal, este é um preceito vital mais do que moral, o convívio que gera a vitalidade, a “convivialidade” que dá sentido ao lugar da urbanidade.



REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BORGES, J. L., 2010, Atlas / Borges com Maria Kodama. Tradução de Heloisa Jahn. Companhia das Letras, São Paulo.
- CACCIARI, Massimo. A Cidade. Tradução de José J. C. Serra. Barcelona, Espanha: Editora Gustavo Gili, 2009
- CASTELLO, Lineu. A percepção de lugar: repensando o conceito de lugar em Arquitetura-Urbanismo. Porto Alegre: PROPAR – UFRGS, 2007.
- CASTELLO, Lineu. Feliz cidade para vocês também!. V!RUS, São Carlos, n. 9 [online], 2013.
- GEHL, Jan. Cidades para pessoas. Tradução de Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: Ensaios e Conferências. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. Recortes de lugar. Geografias: Revista do Departamento de Geografia, UFMG – Belo Horizonte, v.2, n.1, p. 7-21, jan/jun 2006.
- JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. Tradução de Carlos Mendes Rosa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Tradução de Jeferson Luis Camargo. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- MORIN, Edgar. O método 5: a humanidade da humanidade. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.
- RASMUSSEN, Steen Eiler. Arquitetura vivenciada. Tradução de Álvaro Cabral. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SECKEL, Al. Masters of deception: Escher, Dalí & the artists of optical illusion. New York: Sterling Publishing, 2004
- TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. DIFEL, 1983.